

DEUS, FÉ E RELIGIÃO.

Em debate com teólogo calvinista, pela internet, escrevi que os indícios buscados por Jean Calvin (1509-1564) em sua teologia da predestinação dos escolhidos - muitos são chamados e poucos os escolhidos - tinha como escopo o clero católico. Pois, naquela época não existiam padres seculares, que não fazem voto de pobreza, só congregacionais. Logo, todos faziam votos de pobreza e celibato. Celibato que, no meu tempo de seminário, era chamado de voto de castidade. Então, os únicos que não ficariam ricos, nem teriam filhos – indícios dos escolhidos apontados por Calvin: Ser rico e/ou ter muitos filhos – seriam os padres. Ter-se-ia a única certeza: Os padres católicos não eram os escolhidos. Também escrevi que uma das finalidades da teologia da graça de Agostinho de Hipona (354-430) seria apontar para uma provável salvação de seu pai Patricius. Pois, Patricius era romano pagão, que, por influência de sua esposa Mônica, converteu-se ao cristianismo em 372, momentos antes de morrer e Agostinho só se converteu ao cristianismo 14 anos depois. Pela teologia da graça agostiniana, um homem pode ter sido o pior dos pecadores, mas, se no momento da morte, arrepender-se dos pecados e receber a graça divina será perdoado e salvo.

Escrevi que os atributos divinos são onisciência, onipresença, onipotência e perfeição. Afirmei que amor, justiça, fidelidade são atributos morais e éticos criados pelos homens para diminuir as injustiças da natureza ou divinas. Pois, observando a natureza vê-se que ela é injusta, visto que não distribui as riquezas, nem os talentos equitativamente. Não farei aqui um tratado dos atributos divinos, mas gostaria de salientar que os atributos dados pelo senso comum, como justo, amoroso, fiel, etc., são atributos de um super-homem e não de um sujeito divino. Visto que só se sabe do amor pelo ódio, da justiça pela injustiça, da fidelidade pela infidelidade. Logo, todo aquele que é justo, pode se tornar injusto; aquele que ama pode odiar e todo o fiel pode ser infiel. Mas, amor, justiça e fidelidade são valores, são virtudes, que se espera encontrar num homem santo, que é um super-homem.

Escrevi também que pelo atributo da onisciência, antes das pessoas nascerem, o sujeito divino sabe quais pessoas serão salvas e quais serão condenadas. O que parece demonstrar uma lógica sádica. Então, fui questionado: Por quais padrões eu definia que Deus seria sádico? Por que os meus padrões eram

verdadeiros e não o da Bíblia? Visto que na Bíblia afirma que Deus é santo, justo e amoroso, mesmo quando destina pessoas ao inferno! Embora a Teologia seja apenas um hobby para mim, mesmo assim, para responder essas e outras questões, escrevi o texto abaixo. Neste texto não abordarei o problema do Deus único e do bem de do mal, pois, já os abordei em outro texto chamado “FÉ E RAZÃO”.

Começarei pelos padrões de verdade e falsidade. Epistemologicamente o mundo espacial/temporal pode ser dividido em coisas sensíveis e coisas inteligíveis. Para se afirmar tais coisas, usam-se critérios de verdade. Para as coisas sensíveis, o critério de verdade é o da concordância entre o objeto mesmo e a ideia formada do objeto. Se concordar o empírico (objeto) com conteúdo mental (ideia), diz-se ser uma verdade empírica. Por exemplo, ao se concordar a ideia de cadeira como o objeto cadeira, afirma-se que é cadeira. Os racionalistas fazem algumas objeções ao empirismo. Por exemplo, perguntam: Como fazer a concordância entre um objeto quadridimensional (3 espaciais e 1 temporal) com a ideia (conteúdo mental) que é monodimensional (só existe no tempo)? Fazem ainda outras objeções que não cabe aqui debater.

Para afirmar as coisas inteligíveis o critério de verdade é o da não-contradição discursiva. Não ocorrendo contradição nas ideias, diz-se ser verdade lógica racional. Por exemplo, independente do que seja “A”, “B” ou “C”, mas, se “A” é “B” e “C” é “A”, tem-se certeza absoluta que “C” é “B”. O empirismo critica o racionalismo afirmando que tal critério não traz novidade alguma. Pois, conclui-se o que já estava a priori nas proposições. Em outras palavras, embora se tenha certeza da verdade ou falsidade lógica, esse critério não promove o avanço das ciências.

Tratando-se de Deus, como ficaria essa questão epistemológica? Teologicamente tem-se o problema do critério de verdade. Pois, para afirmar ou negar as verdades teológicas o critério é o mesmo, é o critério da fé. O crente tem fé na existência de “A” e o incrédulo tem fé na inexistência de “A”. Mas, ambos não demonstram a existência ou a inexistência de “A”. E as cinco vias de Tomás de Aquino (1225-1274)? Bem, o sistema tomista foi uma tentativa de demonstrar Deus de forma lógica racional, mas cai numa petição de princípio. Em lógica, petição de princípio é afirmar algo sem demonstrá-lo com clareza e precisão. Ou seja, afirma-se “A” sem demonstrar “A”.

Assim, a questão teísta é movida pela fé e fé é uma coisa que não cabe na razão humana. Como afirmou o teólogo e filósofo dinamarquês Kierkegaard (1813-1855), a fé é um delírio divino. Pois, o homem de fé constrói a sua fé, recorre a não-fé (razão) para confirmá-la e a não-fé a destrói. Então, ao se tentar colocar a ideia de Deus na razão humana, ela se autodestrói. Por isso, segundo esse pensador, o verdadeiro homem de fé é um homem angustiado. Outra solução de sustentação da fé seria cegar os “olhos” da razão, como propôs Martin Lutero (1483-1546). Isso é o que a maioria dos pastores fazem atualmente. Cegam os “olhos” da razão de suas “ovelhas”, tornando o “rebanho” acéfalo.

Pode-se tentar, pela teoria do *Big Bang*, que é o gênese bíblico escrito em linguagem científica, demonstrar a existência de um ordenador. Pois, se existe certa ordem cósmica, deve existir um ordenador. A teoria do *Big Bang* afirma a existência de um átomo primordial, embora essa teoria não tenha demonstrado tal átomo que, em dado momento, expandiu-se. Mas, não vou aqui discutir tais objeções. Nessa teoria têm-se duas possibilidades: 1) Colocar externamente a força que promoveu a expansão de tal átomo e tem-se, para alguns, um teísmo, para outros, um deísmo. 2) Colocar internamente tal força e cai-se num panteísmo. O átomo seria o próprio Deus, então, tudo é Deus. Pois, pode-se chamar tal força interna ou externa de Deus.

Assumindo o teísmo tem-se a lógica de um Deus sádico. Pois, Deus cria ou permite que criaturas apareçam para se deleitar com o sofrimento de tais criaturas. Pois, pela Teologia da predestinação de Calvino, como escrevi acima, Deus sabe, antes das pessoas nascerem, quais seriam escolhidas e salvas e quais seriam as condenadas ao fogo do inferno. E, pelo atributo de onisciência, se não souber, não é Deus. Porém, no teísmo teria outra possibilidade que é o servo-arbítrio proposto por Lutero. No servo-arbítrio, que é uma reformulação da Teologia da Graça de Agostinho de Hipona, as pessoas seriam livres para escolher entre serem cavalgadas por Deus ou pelo satã e pela graça divina tais pessoas poderiam ser salvas. Pois, para pecar a pessoa seria livre, mas para sair do pecado só pela graça divina. O primeiro problema do servo-arbítrio é destruição de Deus único. Ao se pressupor a escolha entre ser cavalgada por um por outro, afirma a existência de dois deuses, um do bem e outro mal. Segundo, sendo Deus onisciente, antes de cada pessoa nascer, Ele saberia quem receberia e a quem não receberia a graça da

salvação. Logo, permanece a lógica do sadismo divino. Já, no aspecto da religião, podemos inferir que aquele que reza pedindo ou agradecendo a Deus, desagrada-o e o injuria. Pois, logicamente, qualquer pedido ou agradecimento é a negação da onisciência divina.

No deísmo pode-se apelar para o livre-arbítrio. Pois, o deísmo afirma que Deus deu o início ao cosmos, mas as questões morais e éticas seriam criadas pelos homens. Deus não interferiria nas ações humanas. É justo o goleiro pegar o pênalti ou é justo o batedor vazar o gol? De que lado está Deus? De nada adiantaria o homem orar pedindo ajuda. Pois, Deus não o ajudaria, nem o atrapalharia em suas ações. Mas, como o deísmo afirma Deus, cujo atributo maior é ser onisciente, então sabe, a priori, como cada pessoa optará entre pecar e não pecar. Ou, se não souber, não seria onisciente. Portanto, o livre-arbítrio não invalida o argumento do sadismo divino.

Assumindo o panteísmo (tudo é deus), se Deus existir, não caberia a Ele o atributo de “justo” ou “injusto”. É justo o leão comer a gazela? E, se o leão não caçar e comer a gazela, então, é justo o leão morrer de fome? Na natureza não existe justo e injusto ou bem e mal. O justo e injusto seria uma invenção linguística dos homens e com validade só para estes. No panteísmo não existe acaso, tudo segue a linha da necessidade. O necessário não é justo, nem injusto, é apenas necessário.

Do ponto de vista lógico-linguístico, uma pessoa não necessitaria pedir-Lhe coisa alguma. Pois, como afirmei, antes da pessoa nascer Ele já saberia tudo o que ela necessitaria e não necessitaria durante sua existência. A pessoa só teria que agradecer, a Deus ou natureza, por ter sido, entre infinitas possibilidades, a existência que se consolidou. Pois, com todas as catástrofes que assolaram a terra, tem-se uma certeza: A linhagem de ancestrais dos que aqui estão não foi interrompida desde o início da humanidade. Pois, bastaria que um ancestral tivesse morrido criança e a pessoa não estaria aqui. Nem vou ponderar sobre os milhões de espermatozoides que cercam o óvulo e só um o fecunda gerando a pessoa que aqui está.

Quando penso essas coisas fico dividido entre o acaso e a necessidade. Espinosa (1632-1677) afirmava não existir acaso, somente necessidade. Ou seja, tudo o que acontece ou aparece sensível e inteligivelmente é uma necessidade da substância, que alguns, traduzem-na por Deus. Mas, prefiro concordar com

Demócrito de Abdera (460-370) que afirmou que tudo o que existe no universo é fruto do acaso e da necessidade. Pois, embora a maioria das coisas pareça ocorrer por acaso, algumas parecem ser frutos da necessidade.

Analisemos os outros atributos divinos. O atributo da onipotência trata do ser absoluto e infinito. Então, pergunta-se: Como o absoluto pode estar no tempo e no espaço? A não ser que o absoluto seja o próprio tempo e o espaço. Pois, racionalmente, entre o número 1 e o número 2 pode-se colocar infinitos número e entre um ponto "A" e um ponto "B" qualquer, pode-se colocar infinitas divisões. Logo, parece que o infinito cabe num espaço finito e o absoluto também. Considere-se que o único número absolutamente necessário é o número 1. O atributo da onipresença cai no mesmo problema. Como uma coisa pode estar presente no espaço e fora do espaço? Como pode estar presente no tempo e fora dele? A não ser que tal coisa, como escrevi acima, seja o próprio espaço. Lembrando que tudo o que está no tempo e no espaço é perecível, no sentido de modificação. Logo, os não-perecíveis, os não-modificáveis, por exemplo Deus e alma humana, não poderiam estar no tempo, nem no espaço.

O atributo da perfeição é tão problemático quanto aos anteriores. Pois, olhando a natureza e o cosmos, vê-se que ambos estão repletos de imperfeições. Partido-se do pressuposto que Deus foi o causador de tudo isso, pergunta-se: Como um ser perfeito pode causar imperfeições? Um ser perfeito só pode gerar perfeições ou não é perfeito. Pode-se pensar como defendeu Descartes em seu livro "As Meditações". Segundo Descartes, Deus é perfeito, porém não tinha e não tem obrigação de criar homens e mulheres perfeitos, mas deu livre-arbítrio para que se tornem, ou não, perfeitos. Então, para Descartes, está na responsabilidade de cada buscar, ou não, perfeição que, em linguagem religiosa, diz-se pecar (imperfeição) ou não pecar (perfeição). Como acima escrevi, o livre-arbítrio não invalida o argumento do sadismo divino. Pois, pelo atributo da onisciência divina, Deus, antes de qualquer ser nascer, já saberia qual buscaria e qual não buscaria a perfeição. Portanto, permite o aparecimento de seres para se deliciar com o futuro sofrimento dos mesmos.

Ao se analisar linguisticamente os discursos dos padres e pastores percebe-se que tais discursos não vão além da afirmação de um super-homem. Também não farei aqui um tratado de linguística, mas imagine-se a linguagem humana como uma

mesa ou uma plataforma redonda, na qual, no centro está a língua regulada pela ciência e pelo cotidiano e em sua bordas estão as metáforas e as analogias. Assim, por exemplo, quando se diz “Jesus morreu durante o consulado de Pilatos” é um fato histórico – parte-se do pressuposto, embora não existindo provas cabais, que Jesus existiu – e está centro da plataforma linguística. Quando se diz “Jesus morreu pela salvação dos homens”, é uma metáfora que só tem significado na periferia da plataforma linguística e quando se diz que “Jesus ressuscitou dos mortos” ou que “Jesus subiu ao céu de corpo e alma” é a metáfora da metáfora, é a última fronteira periférica da plataforma da linguagem. Como se sustenta tal discurso? Sustenta-se no ceticismo religioso, também conhecido como agnosticismo. O agnóstico não nega Deus, apenas afirma que, se ele existir, não se pode conhecê-lo e se, animicamente, conhecê-lo não se pode dizê-lo. Pois, como pode o finito conhecer o infinito? Mas, se, animicamente, conhecê-lo, como dizê-lo se a linguagem humana é finita? A linguagem humana tem aproximadamente 100 fonemas. Novamente, como o finito pode descrever o infinito? Mas, logicamente, isso parece mais sustentável do que os afirmativos categóricos usados por padres e pastores de forma geral.

E, as religiões poderiam afirmar o justo e o injusto ou o bem e o mal? Digo que é difícil. Primeiro porque, se Deus existir, Ele não tem religião. Segundo, porque a religião é uma tentativa hilariante de confinar Deus entre 4 paredes. Tanto é verdade que o senso comum pensa que a morada de Deus é a igreja. Terceiro, porque cada religião afirma que o seu deus e os seus livros, supostamente sagrados, são os verdadeiros e dos demais são falsos. Certa vez, dando aula de Lógica em um seminário de padres, meus alunos, em tom sarcástico, perguntaram-me se eu havia visto, na TV, um índio se propondo fazer uma dança da chuva para que chovesse no nordeste brasileiro. Respondi-lhes que não havia visto, mas que eu já participara de muitas danças da chuva em Toledo (Pr.). Eles ficaram estarecidos! Como um Católico Apostólico Romano, pode ter participado de tão grande heresia? Então, expliquei-lhes que participara de muitas procissões pedindo chuva para a região, visto que, lá, às vezes, ocorrem secas. Pois, o rito pode ser diferente, mas a finalidade é a mesma, que é a de tentar acordar um sujeito divino para que ele olhe para a desgraça que está ocorrendo e modifique a natureza do clima. Aproveitei e disse-lhes que existem religiões silenciosas e religiões barulhentas. As barulhentas são as religiões oriundas do deserto. No deserto só existe miséria, fome e sede.

Então, faz-se barulho para acordar o sujeito divino para que este modifique a natureza das coisas. As religiões silenciosas são aquelas oriundas de lugares onde existiu grande fartura. Logo, não se tenta acordar a divindade, mas chegar silenciosamente até ela. Conclui sugerindo-lhes que, antes de criticar qualquer rito das outras religiões, olhassem os seus ritos.

Quanto a Bíblia, podemos tomá-la como parâmetro para julgar justo e injusto? A Bíblia está restrita à ética e à moral judaico-cristã e se seguisse *ipsis literis* o que nela está escrito cometer-se-ia crimes, tais como adultérios, incestos, roubos, assassinatos, etc., que eram tidos, há época, como justos e, supostamente, aprovados por Deus. Se a Bíblia foi ditada por Deus, porque Ele não dita novas regras reorientando a ética e moralidade ocidental? Ou ainda valem aquelas regras morais e éticas que ali estão? Não vou fazer aqui um tratado sobre ética e moral, mas quero lembrar que a ética trata do justo e do injusto e a moral trata do bem do mal. Logo, a ética trata do direito, da justiça e da lei positivada. Costumo dizer que “direito, lei e justiça” são palavrinhas bem ordenadas para garantir o poder e a dominância de um grupo sobre outros grupos.

Sou cartesiano e levo a sério o método da dúvida de Descartes (1596-1650), que é duvidar de tudo que não se apresente com clareza e distinção à inteligência. E, de tudo o que foi posto, pode-se inferir três certezas: 1) A Bíblia, como todos os livros escritos, é espacial/temporal e como tal deve ser tratada. 2) Uma coisa é certa: Ou Deus existe, ou Deus não existe e tal disjunção não se pode demonstrar por tabela-verdade qual das proposição é a verdadeira. Essa disjunção só resolvida quando se deixar de ser, que comumente chamam de morrer. Mas, pode-se seguir o proposto por Blaise Pascal (1623-1662) e apostar que Deus existe. Pois, se acreditar e Deus existir, ganha-se. Se acreditar e Deus não existir, nada se perde. É a teologia do levar vantagem sempre. 3) O problema não está em Deus. Pois, em caso de existência divina, ela não ajudaria nem atrapalharia o homem. Queira-se ou não, embora Deus saiba antecipadamente, as ações humanas são de inteira responsabilidade de cada um. Pelo menos é isso que pregam as religiões. O problema está nas ideologias teístas, chamadas de religiões. Pois, ao se colocar rito no mito aparece a ideologia. Embora o mito seja o mesmo, em função dos ritos ocorrem divergências ideológicas e cada uma se arroga o direito de falar em nome do mito e afirmar o exclusivismo no anúncio das verdades.

Para finalizar, penso que no mundo existem dois tipos de ingênuos. O ingênuo que crê e o ingênuo que não crê. Um é ingênuo porque crê em “A” sem demonstrá-lo de forma clara e distinta. O outro é ingênuo porque não crê nesse “A”, porém, não demonstra de forma clara e distinta a sua inexistência. Freud afirmava que parte da humanidade sofreria de uma psicose, pois tem fé e fala com seres inexistentes, não separando a fantasia da realidade. Prefiro ser menos duro e afirmar que o mundo é constituído por homens e mulheres de fé. Uns têm fé na existência de Deus, mas não demonstram a sua existência e outros têm fé na inexistência, mas também não demonstram tal inexistência. Porém, ambos usam o mesmo critério de verdade: A FÉ! Portanto, afirmar ou negar categoricamente Deus é de uma arrogância sem limite.

A HUMANIDADE NECESSITA MAIS DE EDUCAÇÃO DO QUE DE RELIGIÃO!

Curitiba, Páscoa de 2013.

Antonio Carlos